

Delfim contra o pacto: ninguém quer recessão

BRASÍLIA — A respeito das anunciadas discussões entre empresários e líderes sindicais paulistas, em torno de um pacto social anti-recessão, o ministro do Planejamento, Delfim Netto, comentou que antes de tudo é necessário saber quem quer a recessão no Brasil, para que o pacto possa identificar contra quem vai lutar. Como nem o Governo, nem os empresários e muito menos os trabalhadores querem a recessão, um pacto anti-recessão torna-se, por definição, fora de propósito, por falta de objeto.

Delfim nega que ele próprio tenha tentado, em 1979, unir empresários e trabalhadores em torno de um pacto social, afirmando que os encontros mantidos com o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Luiz Ignácio da Silva, o Lula, patrocinados pelo advogado do Sindicato, Almir Pazianoto, destinaram-se exclusivamente às discussões em torno de uma fórmula capaz de definir um índice de produtividade aceitável por patrões e trabalhadores. Para o ministro, a dimensão dada aos encontros, procurando vinculá-los a um pacto social, foi um evidente exagero.

No Ministério do Planejamento comentou-se que se a iniciativa do pacto social partir de empresários notoriamente vinculados à indústria de bens de capital, é possível que ela tenha relação com a preocupação desses empresários face ao problema do emprego em seu setor, que será um dos mais afetados pela política de redirecionamento dos investimentos este ano, os quais, conforme o Governo anunciou repetidas vezes, privilegiarão os setores da agricultura e das exportações, assim como os voltados à substituição de energia de fonte petrolífera.

Os informantes lembraram, no entanto, que independentemente de negociações que possam ser formalizadas pela indústria de bens de capital com seus empregados, quer a nível de setor, quer até mesmo no âmbito das empresas, objetivando encontrar um denominador comum para ambos enfrentarem as dificuldades de 1981, a própria indústria pode mobilizar meios para superar os problemas e chegar ao final do ano com um crescimento positivo.